

# PALAVRAS PARA LÁ DA PANDEMIA: CEM LADOS DE UMA CRISE

Coord.: José Reis  
Um trabalho coletivo do CES



# PALAVRAS PARA LÁ DA PANDEMIA: CEM LADOS DE UMA CRISE

Coord.: José Reis  
Um trabalho coletivo do CES



Centro de Estudos Sociais  
Universidade de Coimbra



UNIVERSIDADE DE  
COIMBRA



Organização  
das Nações Unidas  
para a Educação,  
a Ciência e a Cultura



Universidade de  
Coimbra - Alta e Sã  
inscrita na Lista do Património  
Mundial em 2013



PROGRAMA OPERACIONAL COMERCÍO E INOVAÇÃO



UNIÃO EUROPEIA

Fundo Europeu  
de Desenvolvimento Regional



Fundação  
para a Ciência  
e a Tecnologia

# PALAVRAS PARA LÁ DA PANDEMIA: CEM LADOS DE UMA CRISE

## Coordenador

José Reis

## Editor

Centro de Estudos Sociais  
Universidade de Coimbra

## Revisão Científica

Ana Cordeiro Santos, António Sousa Ribeiro, Carlos Fortuna, João Rodrigues, José Castro Caldas, José Reis, Pedro Hespanha, Vítor Neves

## Revisão Linguística

Ana Sofia Veloso, Alina Timóteo

## Design e Paginação

André Queda

Julho, 2020

Este trabalho é financiado por Fundos FEDER através do Programa Operacional Factores de Competitividade – COMPETE e por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projeto UIDB/50012/2020.

Os dados e as opiniões inseridos na presente publicação são da exclusiva responsabilidade dos/das seus/suas autores/autoras.

## ISBN

978-989-8847-25-6

# POESIA\*

Maria Irene Ramalho

Consta que Platão decidiu banir os poetas da sua cidade ideal porque a poesia mente. E consta também que alguém disse que a poesia não mente, porque a poesia nada diz.

Não é bem assim.

Grande admirador de Homero e dos trágicos gregos, Platão entendia, porém, que só deveria ser admitida na educação dos guardiães da cidade ideal a poesia que apenas louvasse os deuses e os heróis. Na cidade ideal de Platão imperaria o direito e a razão, e não haveria lugar ao prazer e à dor, ao sentimento e à paixão, à crítica e ao contraditório. A poesia parece ser um problema para Platão porque a poesia – ao contrário da filosofia, que na *República* se diz servir, só ela, o bem e a justiça – interrompe o *statu quo*. E desassossega.

Mas é justamente por isso mesmo que a poesia digna desse nome se impõe ainda hoje como parte de uma solução sempre em curso.

Alguém disse já que a língua é poesia fossilizada. No princípio, a palavra coincidia com a coisa, e dizia, com acribia e limpidez, aquilo que é. Mais tarde, a palavra passou a linguajar, de longe, mera informação. Só na poesia digna desse nome continua a palavra a perguntar

pelo seu próprio rigor. Se não interromper, se não interrogar, se não resistir, se não desassossegar – a poesia não cumpre o seu papel de principal interpeladora.

A poesia – que não é adorno ou consolo, antes interrupção e pergunta – não diz a verdade que a filosofia diz dizer. A poesia interpela a verdade e pergunta por ela. A querela entre a filosofia e a poesia, de que Platão dá conta na *República*, continua hoje, lamentavelmente, depois de tanta polémica sobre as duas, três ou quatro culturas, entre as Ciências (Sociais) e as Humanidades.

Mas se o binómio de Newton é tão belo como a Vénus de Milo, a Vénus de Milo é tão verdadeira como o binómio de Newton. Ambos são imprescindíveis para o difícil caminhar humano no sentido de um mundo melhor.

É que a poesia não mente. A poesia diz-se. E, ao dizer-se, a poesia diz o mundo. Que seja ouvida, alto e bom som!

---

\* Por vontade da autora, este texto não segue as regras do Acordo Ortográfico de 1990.